

O OLHAR DA MEDICINA SOBRE OS INTERNATOS (1840-1927)

*Joaquim Tavares da Conceição*¹

Discurso médico-higiênico sobre os internatos

Com a reforma do ensino médico de 1832, a defesa de uma tese no último ano do curso era um requisito obrigatório para aqueles que almejassem o título de doutor em Medicina². Os alunos concluintes que não defendiam uma tese recebiam somente o título de bacharel em Medicina. Os autores dessas teses³ abarcaram nos seus escritos, além de temas que, nos dias atuais, poderiam ser classificados como específicos do campo da Medicina, uma grande variedade de temas sociais. Deste modo, os médicos deixaram registros importantes sobre a realidade social brasileira e, especialmente para os objetivos deste trabalho, temas direta ou indiretamente relacionados à higiene dos colégios-internatos.

Nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FAMERJ), o internato é abordado na temática geral “higiene dos colégios” na qual são tratados assuntos como as condições higiênicas do local e do espaço do colégio-internato, condições de matrícula, asseio pessoal e do ambiente, alimentação, vestimentas, prevenção de doenças, vícios (onanismo, pederastia), educação (física, moral e intelectual), castigos físicos, fases da vida (segunda infância e adolescência), temperamentos, entre outros. E, de forma difusa, nas teses com variados assuntos ou temas como: vestuário, banhos, higiene da mulher, puberdade, educação (física, moral e intelectual), prostituição, sífilis. Em sequência, segue-se relação das teses analisadas produzidas pelos médicos da FAMERJ.

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia. Docente do Colégio de Aplicação e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-Mails: <jtc@ufs.br> e <joaquimcodapufs@gmail.com>.

² BRASIL. *Lei de 3 de outubro de 1832*. Dá nova organização às atuais Academias Médico-cirúrgicas das cidades do Rio de Janeiro e Bahia. Rio de Janeiro, 1832.

³ Foram analisadas catorze teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FAMERJ), constantes do acervo da Biblioteca Alfredo Nascimento da Academia Nacional de Medicina (ANM-RJ), produzidas e publicadas no século XIX e compreendidas no período de 1840 a 1875, e onze teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), constantes do acervo da Biblioteca da FAMEB, selecionadas a partir de uma lista publicada na *Gazeta Médica da Bahia*, de teses produzidas e publicadas no período de 1840 a 1928.

QUADRO 1
TESES DOUTORAIS DE TITULADOS PELA
FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (FMRJ)

ANO	AUTOR	TÍTULO
1840	José Joaquim Firmino Junior	<i>Dissertação sobre a menstruação, precedida de breves considerações sobre a mulher</i>
1841	José Tavares de Mello	<i>A higiene da mulher durante a puberdade e aparecimento periódico do fluxo catemencial</i>
1845	José Ferraz de Oliveira Durão	<i>Breves considerações acerca do emprego higiênico e terapêutico dos banhos de mar</i>
1845	Miguel Antonio Heredia de Sá	<i>Algumas reflexões sobre a cópula, onanismo e a prostituição do Rio de Janeiro</i>
1846	Joaquim Pedro de Mello	<i>Generalidades acerca da educação física dos meninos</i>
1850	José Marques de Sá	<i>Vestuário e banhos. Estudo especial dos banhos em relação a esta cidade: quais os hábitos e costumes da população? Qual a sua influência sobre a saúde pública? Que direção se lhes deve dar?</i>
1852	Antonio Francisco Gomes	<i>Influência da educação física do homem</i>
1854	Balbino Candido da Cunha	<i>Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos; regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios</i>
1855	José Bonifácio Caldeira de Andrada Junior	<i>Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos. Regras principais tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios</i>
1855	Joaquim José de Oliveira Mafra	<i>Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos; regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios</i>
1857	Candido Teixeira de Azeredo Coutinho	<i>Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos. Regras principais tendentes à conservação da saúde, e do desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios</i>
1857	José de Souza Pereira da Cruz Junior	<i>Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos; regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios (Preposições)</i>
1857	João Goulart Rolim	<i>Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos: regras principais tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios</i>
1857	Joaquim Francisco de Paula e Souza	<i>Esboço de uma higiene de colégios aplicável aos nossos. Regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios (Preposições)</i>
1858	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	<i>A higiene dos colégios. Esboço das regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais segundo as quais se devem reger os nossos colégios</i>
1875	João da Matta Machado	<i>Da educação física, intelectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro da sua influência sobre a saúde</i>

Fonte: Teses doutorais. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1840-1875).
 Acervo da Biblioteca Alfredo Nascimento da Academia Nacional de Medicina (ANM-RJ)

A repetição de alguns temas abordados nas teses da FAMERJ, segundo José Gondra, pode ser explicada através das normas estatutárias da Faculdade que

[...] passam a submeter a lista dos pontos à chancela e conseqüente legitimação por parte da congregação da faculdade, a partir do que o aluno poderia escolhê-los, com base nas regras impostas pelos estatutos em vigor. Supõe-se que tais pontos eram transformados nos próprios títulos ou assemelhados.⁴

Provavelmente essa explicação também serve para a ocorrência de temas ou títulos repetidos nas teses da FAMEB (*higiene dos colégios, educação sexual...*). O higienismo também foi o tema geral através do qual os médicos, formados na FAMEB, se interessaram em diagnosticar e apresentar prescrições sobre a educação nos colégios. Assim, o internato aparece nas teses dos facultativos formados pela Faculdade de Medicina da Bahia quando os autores tratam da temática “Higiene dos colégios” ou “Higiene escolar”, em que são estudados assuntos como: local, disposição e condições dos cômodos do edifício, serviços do colégio, tempo escolar, vestimenta, asseio e castigos físicos. O internato igualmente aparece, embora de forma difusa, nas teses que tratam de sexualidade e educação sexual, mulher, onanismo e família. O quadro seguinte apresenta a relação das teses da FAMEB utilizadas nesta análise.

QUADRO 2 TESES DOUTORAIS DE TITULADOS PELA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (FAMEB)

ANO	AUTOR	TÍTULO
1853	Marinonio de Freitas Britto	<i>A libertinagem e seus perigos relativamente ao físico e moral do homem</i>
1853	Sulpício Germiniano Barroso	<i>Breves considerações acerca do onanismo ou masturbação</i>
1869	Fructuoso Pinto da Silva	<i>Higiene dos colégios</i>
1883	Agnello Geraque Collet	<i>Higiene escolar</i>
1895	Francisco Candido da Silva Lobo	<i>Higiene escolar</i>
1898	José Lopes Patury	<i>Higiene escolar</i>
1910	Raul Mendes de Castilho Brandão	<i>Breves considerações sobre a educação sexual</i>
1920	Oscar Bastos Rabello	<i>A pedagogia feminina em face da medicina</i>
1921	Claudon Ribeiro da Costa	<i>Higiene nas escolas</i>
1924	Orlando Thiago dos Santos	<i>Considerações em torno da família e suas relações com a escola</i>
1927	Ítala Silva de Oliveira	<i>Da sexualidade e da educação sexual</i>

Fonte: Teses doutorais. Faculdade de Medicina da Bahia (1853-1927). Acervo da Biblioteca da FAMEB-UFBA.

⁴ GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 151.

A abrangência de variados temas sociais, sobretudo no século XIX, tratados pelos autores das teses, pode ser compreendida pela pouca definição dos limites de atuação dos médicos e pelo processo político de ampla medicalização da sociedade, resultante de um campo científico em luta pela consolidação e legitimidade⁵. Nessa ampliação da competência do saber médico, a cidade apresenta-se como espaço privilegiado de esquadramento da medicina e, por consequência, as instituições urbanas, como a escola, são também alcançadas pela análise e intervenção do saber médico⁶. Deste modo, os estabelecimentos urbanos são acusados como resultantes da

[...] desordem, desvendados como locais onde germina e se desenvolve o perigo da insalubridade e da indisciplina, os 'grandes estabelecimentos' começam a inspirar medo e a justificar a exigência de uma reavaliação de seus objetivos e suas funções. Portanto, além de tematizar o urbano e o espaço institucional a medicina penetra nas instituições e propõe a ordenação do seu interior.⁷

Nesse sentido, os médicos acreditavam que seus conhecimentos⁸ seriam capazes de ordenar o espaço da escola, sobretudo dos internatos, influenciando as famílias, diretores e professores dos colégios da necessidade de atentarem para a importância da constituição, temperamento, fraquezas e disposições doentes da infância, e ensinar-lhes a prevenir estes inconvenientes, através da prescrição de “[...] uma alimentação variada e escolhida, ar, água, lugar, clima, adequados, uma ginástica proporcionada e até mesmo agentes medicamentosos”⁹.

Para os facultativos, o objeto da educação era, como dizia o Dr. Balbino Candido da Cunha, o desenvolvimento das faculdades do homem para o maior bem individual e social, e as capacidades a serem desenvolvidas eram as de

⁵ A luta contra o “charlatanismo” (curandeiros, espíritas, barbeiros, sangradores, benzedeiros, boticários, homeopatas) foi também uma das estratégias utilizadas pelos médicos para se legitimarem e monopolizar a cura. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

⁶ Sobre o assunto consultar, entre outros: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal. 2004; MACHADO, Roberto. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

⁷ MACHADO, *Danação da norma...*, p. 280.

⁸ O saber médico, especialmente as prescrições higienistas, teve circulação através de jornais, revistas, especialmente com o patrocínio da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e das próprias faculdades. Pode ser citado como exemplo “extratos de recomendações” publicados nos jornais: “Ao povo se deve aconselhar: 1º – Que evite a ingestão de comidas grosseiras ou de difícil digestão, apimentadas, ou sobrecarregadas de temperos excitantes. 2º – Que se abstenha em geral do uso das bebidas alcoólicas excitantes, e bem assim dos purgantes drásticos como é o Le Roy e outros do gênero. 3º – Que se não submeta à ação prolongada do sol. 4º – Que não promova o cansaço, e nem se entregue as penosas fadigas. 5º – Que faça passeios brandos e por lugares arejados.[...]”. “Extrato do parecer da Academia Imperial de Medicina”. *O Correio Sergipense*, São Cristóvão, 23 fev. 1850, p. 02.

⁹ GUIMARAES, Antenor Augusto Ribeiro. *A higiene dos colégios: esboço das regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais segundo as quais se devem reger os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

natureza física, intelectual, moral e social¹⁰. Nesse intuito, a intervenção médico-higiênica era apresentada como conhecimento capaz de indicar soluções para o bom funcionamento dos colégios e, assim, cumprir esse desiderato.

Em geral, os autores das teses analisadas apresentam como fundamentos ou influências de suas prescrições sobre a educação os escritos de Rousseau (Émile, ou, *De l'éducation*, 1762), Locke (*Some Thoughts Concerning Education*, 1693) e, sobretudo, nos estudos de tratadistas da higiene, a exemplo de Michel Levy (*Traité d'hygiène publique et privée*), Alfred Becquerel (*Traité élémentaire d'hygiène privée et publique*, 1851), Charles Londe (*Nouveaux éléments d'hygiène*, 2ª ed., 1838), M. L. Deslandes (*Compendio de higiene pública y privada: o tratado elemental de los conocimientos relativos á la conservacion de la salud, y á la perfeccion física y moral de los hombres*, 1829). Fundamentados nesses tratadistas, os médicos brasileiros entendiam a higiene como a “arte de conservar a saúde”¹¹, pois a higiene era uma prática que possibilitava as condições para determinar os alimentos adequados a cada idade e temperamento, a duração necessária do sono, o modo correto de se vestir e “[...] o exercício próprio para facilitar as secreções e aumentar a força digestiva; enfim, ela indica as precauções a tomar-se no começo das indisposições para suavizar nossos males ou desviar graves moléstias”¹².

Além desses conhecimentos filosóficos e dos tratados sobre higiene, os médicos produziram seus estudos a partir do conhecimento *in loco* de uma realidade social de cidades com grande presença de colégios funcionando com internatos. Na segunda metade do século XIX e início do século XX, nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador, onde a maioria dos autores das teses analisadas estudaram e residiam, existia um grande número de colégios-internatos para os quais convergiam alunos provenientes de grupos elitizados das províncias, principalmente em busca do ensino secundário para a continuação dos estudos nos cursos superiores. Alguns médicos também se utilizaram de suas experiências como diretores, professores e pensionistas (internos) de colégios-internatos. Neste último caso, pode ser citado o Dr. João da Matta Machado, que levou em consideração sua experiência como pensionista no Colégio de Santo Antonio¹³, para refletir sobre as condições higiênicas dos internatos da Corte Imperial.

Em relação às faixas etárias foram as crianças (segunda infância)¹⁴ e os adolescentes que os médicos procuraram atingir com suas prescrições higienistas. Com relação aos sexos, as orientações se dirigiam tanto para os colégios masculinos

¹⁰ CUNHA, Balbino Candido da. *Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos; regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1854.

¹¹ LEVY, Miguel. *Tratado completo de higiene publica*. Madrid: Libreria de los Señores viuva de Callega e hijos, 1816, p. 60.

¹² CUNHA, *Esboço de uma higiene...*, p. 20.

¹³ Colégio dirigido pelo Cônego Francisco Pereira de Souza, localizado na Corte Imperial, em uma Chácara da Marquesa de Valença, Rua dos Inválidos, nº 4. Cf. HARING, Carlos Guilherme. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte do Rio de Janeiro para o ano de 1867*. 24º ano. Rio de Janeiro: Typographia E. & H. Laemmert, 1867, p. 411.

¹⁴ Para o Dr. João da Matta Machado, a segunda infância começava no desmame até a puberdade, podendo ser dividida em duas fases: – primeiro período: desmame até os 7 anos, segundo período: 7 anos até a puberdade. MACHADO, João da Matta. *Da educação física, intelectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro da sua influência sobre a saúde*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1875, p. 25.

como femininos, ressaltando sempre as distinções de tratamento entre os sexos. Em geral, os moços eram representados pela tríade paternidade, força e proteção e as moças, maternidade, beleza e fraqueza. A representação feminina com essas características era bastante recorrente entre os facultativos, entre outros, afirmava em 1858 o Dr. Antenor Augusto Ribeiro Guimarães que “Toda moça deve aspirar ao casamento e seus elementos de felicidade para o futuro se resumem em um marido e nos filhos”¹⁵.

Os médicos também demonstraram interesse nas transformações provocadas por ocasião da puberdade¹⁶ e a necessidade dos colégios adotarem cuidados higiênicos específicos durante essa fase. Finalmente, buscavam alcançar com os seus discursos os diretores de colégios, professores e a família, pois todos precisavam conhecer o receituário médico-higiênico para promover o desenvolvimento físico, moral e intelectual dos meninos e meninas.

A reprovação dos internatos

Sobre a avaliação do internato era praticamente dominante no discurso médico-higiênico, contida nas teses estudadas, a atribuição ao modelo como “[...] fontes de males inalienáveis, causa imediata da degradação física, moral e intelectual de gerações inteiras [...]”¹⁷. Para muitos médicos, somente as exigências da vida social e a necessidade de filhos das províncias procurarem nas cidades meios de instrução poderiam justificar o recurso ao internato, impedindo os meninos de serem educados nos externatos sob a direção da família. O Dr. João da Matta Machado foi um dos médicos que registrou sua preferência pelos externatos, inclusive apresentando um externato localizado na Corte Imperial do Rio de Janeiro, o Externato Aquino¹⁸, como modelo para os colégios da cidade. Segundo ele, apesar do Externato Aquino achar-se colocado no ano de 1875 em uma rua populosa, no centro da cidade, em desacordo com as recomendações higiênicas, tinha qualidades “dignas de menção” e que podiam ser imitadas pelos colégios-internatos da Corte Imperial. Dizia, ainda, que o “Externato Aquino” estava funcionando em uma chácara arborizada e com água em abundância, em

¹⁵ GUIMARÃES, *A higiene dos colégios...*, p. 51.

¹⁶ Michelle Perrot também observou a preocupação médica com a puberdade por parte dos médicos franceses: “Essa noção de ‘momento crítico’ é retomada ao longo do século XIX, notadamente pelos médicos que, entre 1780 e 1880 escrevem dezenas de teses sobre a puberdade dos meninos e meninas, e os remédios a serem ministrados. A adolescência, além de ser um perigo para o indivíduo, é também um perigo para a sociedade”. PERROT, Michelle. “Os atores”. In: _____ (org.). *História da Vida Privada* – Vol. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 149.

¹⁷ MACHADO, *Da educação física...*, p. 26.

¹⁸ Externato Aquino localizado, no ano de 1871, na Rua da Ajuda, nº 50 A (dentro da chácara da Floresta). Naquele ano frequentaram o estabelecimento 161 alunos. FIGUEIREDO, J. B. C. “Relatório da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte apresentado em 11 de abril de 1872 – Apêndice: Ofícios das Delegacias em resposta a Circular de 8 de janeiro de 1872 da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte. (Anexo)”. In: OLIVEIRA, João Alfredo Correia de. *Relatório apresentado à Assembléa Geral Legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.

um prédio com condições de salubridade, salas espaçosas, claras e arejadas, e, possuía um ginásio aberto e banhos frios (de chuva e de tanque), oferecendo “[...] aos alunos dois poderosos agentes higiênicos, de cuja falta nos internatos, onde são mais necessários, tanto nos lamentamos”¹⁹.

Entretanto, o diretor do Externato Aquino, João Pedro de Aquino, não conseguiu manter o seu estabelecimento apenas na condição de externato. Como a maioria dos colégios particulares da Corte, no ano de 1880, o estabelecimento passou a funcionar também oferecendo o internato, abrindo maiores possibilidades de lucro ao proprietário. Para preencher essa condição, o estabelecimento foi transferido para duas casas na Rua do Lavradio, com a nova denominação de Colégio Aquino²⁰.

Ainda verberava o Dr. João da Matta Machado contra os internatos, dizendo que feliz era o pai que podia livrar seus filhos das “[...] emanções pestíferas destas casas de negócio, que se pavoneiam com o título de estabelecimentos de educação! [...]”. Entretanto, o citado médico reconhecia que o internato ainda era um “[...] mal necessário, uma excrescência social, cuja extirpação é, ao menos na atualidade, impossível [...]”²¹. Assim, nos casos de que não se podia prescindir dos internatos, as soluções higiênicas deveriam ser adotadas pelos diretores para diminuir os efeitos negativos à saúde dos pensionistas.

No início do século XX, a desaprovação do internato permaneceu presente no discurso médico. No ano de 1910, o Dr. Raul Mendes de Castilho Brandão também apresentava o internato como modelo propício à corrupção física e moral da mocidade. Para ele, era “revoltante” que muitos pais que habitavam em Salvador, e que possuíam outros meios e recursos financeiros, colocassem “desumanamente” seus filhos como internos em colégios. Além do mais, os bons costumes, enfim, a educação moral, somente a família seria capaz de realizar²². Todavia, destoando das teses médicas contrárias ao internato, em 1921, o Dr. Claudon Ribeiro da Costa escrevia, embora de forma sucinta, que não encontrava razões para condenar o modelo colégio-internato, quando bem ajustado às medidas higiênicas, pois em todos os países adiantados produzia ótimo resultado²³.

O fato é que, apesar da crítica dominante dos facultativos em relação ao modelo colégio-internato, ele foi predominante na instrução particular na Corte e nas províncias, oferecendo vagas para três modalidades de colegiais, ou seja, pensionistas (internos), meio-pensionistas (semi-internos) e externos. Na realidade, ficaram em parte subjugados os preceitos higiênicos às necessidades sociais e interesses econômicos dos diretores de colégios.

¹⁹ MACHADO, *Da educação física...*, p. 86.

²⁰ CARDOSO, José Antonio dos Santos. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro inclusive a cidade de Santos, da Província de S. Paulo para o ano de 1881*. 38º ano. Rio de Janeiro: Typographia E. & H. Laemmert, 1881, p. 621.

²¹ MACHADO, *Da educação física...*, p. 26.

²² BRANDÃO, Raul Mendes de Castilho. *Breves considerações sobre a educação sexual*. Bahia: Imprensa Nova, 1910.

²³ COSTA, Claudon Ribeiro da. *Higiene nas escolas*. Bahia: Imprensa Social, 1921.

Diagnosticando os internatos

Já discutimos os inconvenientes morais dessas instituições, já demonstramos que só na família o coração se forma; entretanto se os internatos são indispensáveis em toda a parte e principalmente no Rio de Janeiro, vamos tentar erguer a ponta do véu que encobre a sua hediondez moral. Não se nos acuse de exageração, tudo o que dissermos em referência à educação moral dos pensionistas nos internatos da Corte, estará ainda aquém da realidade: poderíamos resumir tudo que vamos dizer em um só aforismo – o internato fluminense é um foco de imoralidade e corrupção.²⁴

Esse trecho reflete o tom da oratória empregada pelos médicos em suas teses sobre as condições dos internatos. A esse respeito, em 1857 o médico João Goulart Rolim conclamava a sociedade do Rio de Janeiro a refletir sobre a situação dos colégios-internatos da capital do Império: “Aí estão os nossos colégios, examinai-os um por um, e vede se em todos eles se observa com toda a cautela as regras prescritas pela higiene”²⁵. E conclui o autor pela negativa. Nesse mesmo sentido são as conclusões de outros médicos da FAMERJ, a exemplo de Candido Teixeira de Azeredo Coutinho, que julgava a maioria dos internatos como casas de especulação imoral e perigosa²⁶. Ainda no século XIX, encontramos a desaprovação do internato também em teses de médicos da FAMEB, a exemplo da dissertação do Dr. Sulpício Germiniano Barroso (1853), que reputava o internamento responsável pelo desenvolvimento de “muitos vícios”, especialmente o onanismo e a pederastia²⁷.

Em geral, os médicos denunciavam que os meninos encerrados nos internatos viviam submetidos a uma vida penosa, afastados das recreações e forçados a se tornar adultos antes do tempo²⁸. Alertavam ainda sobre o prejuízo de obrigar-se a

²⁴ MACHADO, *Da educação física...*, p. 83.

²⁵ ROLIM, João Goulart. *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos: regras principais tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios.* (Quarto ponto. Ciências Médicas) Rio de Janeiro. N. L. Vianna & Filhos, 1857, p. 14.

²⁶ COUTINHO, Candido Teixeira de Azeredo. *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos. Regras principais tendentes à conservação da saúde e do desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios.* Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1857.

²⁷ BARROSO, Sulpício Geminiano. *Breves considerações acerca do onanismo ou masturbação.* Bahia: Typographia de Luiz Olegário Alves, 1853.

²⁸ A educação do menino brasileiro, na descrição do norte-americano James Cooley Fletcher, que viveu no Brasil entre os anos de 1851 e 1865, ressaltando o costume das famílias ricas de enviar seus filhos aos internatos: “É mandado na mais tenra idade para um colégio onde cedo adquire o conhecimento da língua francesa, e os rudimentos comuns da educação em português. Embora os pais residam na cidade, fica interno no colégio e somente em certas ocasiões é visitado. Aprende a escrever em boa caligrafia, o que é um dom universal entre os brasileiros: e a maioria dos meninos das classes superiores são bons músicos, tornam-se adeptos do latim, e muitos deles, segundo dizem, falam inglês com certa fluência”. FLETCHER, James Cooley & KIDDER, Daniel Parish. *O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo.* Vol. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional,

inteligência dos meninos à atividade que só era própria à de um adulto²⁹. Sobre esse aspecto é ilustrativa a descrição do médico Antonio Francisco Gomes a respeito da penosa rotina de um menino de colégio:

*[...] pregado continuamente em um banco, respirando uma atmosfera não renovada e constantemente viciada, é condenado à imobilidade por dilatadas horas, curvado sobre livros que excedem o alcance de sua compreensão. A atenção já pouco excitada desaparece, a aversão começa; o organismo gasta-se, e a inteligência se enfraquece. Se porventura ele se impacienta com este estado opressivo é imediatamente castigado. Se nesses curtos recreios não guarda a gravidade do ancião, é logo repreendido. Em breve é sobrecarregado de estudos que ultrapassam as forças de seu espírito; suas faculdades ainda rudimentares se aniquilam; aquele que era estúpido fica completamente idiota, e aquele que prometia uma inteligência de Newton torna-se o mais estúpido dos homens.*³⁰

Ainda para o citado facultativo a prova da penosa rotina vivida pelos meninos nos internatos podia ser observada nas condições físicas dos mesmos, em sua fisionomia descorado e triste, resultante do “[...] desgosto, que o estudo assim apresentado lhes inspira, nasce a hipocrisia, e para escapar às punições que os perseguem, os meninos se lançam na mentira, e procuram iludir seus mestres”³¹. Corroborando com esse parecer, o Dr. João da Matta Machado, afirmava que nos grandes colégios-internatos, sobretudo naqueles dirigidos por congregações religiosas, o regramento da vida diária chegava mesmo a aniquilar as vontades individuais, transformando o aluno em um autômato que se movia inconscientemente.

Para agravar o diagnóstico médico negativo dos internatos, não era raro que, contrariando os preceitos da higiene, fossem admitidas como pensionistas de colégios crianças com idade inferior a 10 ou, até mesmo, 7 anos de idade³². Assim, chegando à infância, “[...] o menino, ainda acanhado e débil pela idade, e não raras vezes adoentado pela sua defeituosa educação física, é remetido a um estabelecimento de educação”³³. Para o Dr. Sulpício Germiniano Barroso, muitas

1941, p. 196.

²⁹ CRUZ JR., José de Souza Pereira da. *Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos: regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios* (Proposições). Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense Maximiano Gomes Ribeiro, 1857.

³⁰ GOMES, Antonio Francisco. *Influência da educação física do homem*. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1852, p. 12.

³¹ GOMES, *Influência da educação física...*, p. 13.

³² Em anúncios de jornais ou outros periódicos do século XIX alguns estabelecimentos anunciavam receber como pensionistas meninos com idade de 5 a 10 anos de idade. CARDOSO, *Almanak Administrativo...*, p. 648.

³³ MAFRA, Joaquim José de Oliveira. *Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos: regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Empresa Typographica Dous de Dezembro – De Paula Brito, 1855, p. 04.

famílias baianas destinavam seus filhos, ainda na meninice, para os internatos, pois julgavam que, por causa da vida reclusa, ficariam isentos de contrair vícios, sobretudo a sífilis. Entretanto, segundo ele, com a idade que entravam no internato, estavam mais suscetíveis de sofrer o contágio da sífilis e hábitos perniciosos³⁴.

Para os médicos, a advertência de não remeter os pequenos aos internatos derivava de que o organismo da criança nessa fase estava inapto para conformar-se com todos os ditames da vida social, por isso “[...] carecia da mais ampla liberdade no exercício de certas atribuições, sem o que, como o tenro arbusto peado em um vaso de argila, continuaria talvez a existir, mas de uma existência precária [...]”³⁵. Assim, havia praticamente uma concordância entre os médicos que antes dos sete anos as crianças estivessem somente submetidas a uma educação doméstica ou nos externatos, evitando que os pequenos, uma vez sujeitos aos rigores dos internatos, adquirissem tão cedo o horror ao estudo.

Além de serem admitidas nos internatos crianças em idade desaconselhável, outro problema se juntava a este, ou seja, era costume na organização dos colégios a imposição das mesmas regras higiênicas e disciplinares a alunos de todas as idades. Uma criança que, muitas vezes, não tinha mais que cinco ou seis anos de idade, achava-se nas mesmas condições do adulto. Para os médicos, essa uniformização de tratamento no regime dos internatos resultava na debilidade física e moral dos pensionistas.

Da mesma forma, a inadequada divisão do tempo das atividades – estudo, recreação, alimentação, asseio, sono –, caracterizada por longas horas de estudo e tarefas sem o descanso higiênico, era um fator prejudicial à saúde dos pensionistas. Ao passo que a educação intelectual era marcada pelo exagero, a educação física, segundo os médicos, era praticamente desconhecida nos colégios da Corte Imperial, inclusive no Colégio Pedro II. Corroborando com a crítica dos médicos em relação à deficiência ou inexistência da educação física nos colégios, o conselheiro Euzébio de Queiroz Coitinho Mattoso Câmara, inspetor geral da Instrução do Município da Corte, relatava, em 1858, ao governo imperial a lacuna no Colégio Pedro II e a deficiência nos demais colégios da educação física. Para ele, o governo deveria agir para introduzir no internato do Colégio Pedro II os exercícios ginásticos, sem os quais a educação no estabelecimento estaria incompleta. Outrossim, lembrava os benefícios da utilização desses exercícios ginásticos: “A saúde, a robustez, a elegância, a agilidade, a intrepidez e o próprio desenvolvimento da inteligência, são os principais resultados desses exercícios metodicamente desenvolvidos”³⁶. Deste modo, para os facultativos, se os exercícios ginásticos fossem bem avaliados e utilizados nos colégios, os moços não sairiam nervosos, fracos e dispostos a

³⁴ BARROSO, *Breves considerações...*

³⁵ ANDRADA JR., José Bonifácio Caldeira de. *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos. Regras principais tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1855, p. 10.

³⁶ CÂMARA, Euzébio de Queiroz Coitinho Mattoso da. “Relatório da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, apresentado em 2 de maio de 1858. (Anexo)”. In: MACEDO, Sergio Teixeira de. *Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1859, p. 09.

contraírem todo tipo de enfermidades.

Quanto à educação moral, pecava-se pelo uso da pedagogia do medo e dos castigos³⁷ físicos e humilhantes que resultavam na formação de indivíduos dissimulados ou conformados. O Dr. João da Matta Machado afirmava que nos internatos, o menino habituava-se à obediência, que degenerava em servilismo³⁸, à hipocrisia e à astúcia; aprendia desde cedo a ocultar as más qualidades, a reprimir as paixões pelo medo dos castigos e não por motivos nobres e desinteressados.

As condições de localização e organização do espaço interno dos prédios dos colégios-internatos foram outro ponto realçado no discurso médico-higiênico. Sobre o lugar dos estabelecimentos, os facultativos apontavam como deficiência o fato de os colégios serem construídos em locais insalubres e de grande movimentação, dando lugar à proliferação de doenças. Em 1855, o Dr. José Bonifácio Caldeira de Andrada denunciava essa situação no Rio de Janeiro, pois muitos colégios estavam localizados no centro da cidade, em ruas acanhadas e tortuosas, a maior parte sem asseio, o que, “[...] à vista das nossas condições higrométricas e de temperatura, e da pouca elevação do solo em que repousamos, não pode deixar de exercer uma influência fatal sobre a saúde dos educandos”³⁹. Nesse mesmo sentido, no ano de 1857, o Dr. João Goulart Rolim constatava as condições insalubres da localização da maior parte dos colégios da Corte do Rio de Janeiro e, para piorar, segundo ele, os comissionados em zelar pela salubridade pública da cidade nada faziam para mudar essa situação. Na avaliação do Dr. Agnello Geraque Collet, idêntico quadro podia ser pintado em relação aos internatos da Cidade Imperial de Salvador, visto que os locais em que se achavam levantados os prédios dos colégios da cidade não atendiam às regras de higiene⁴⁰.

Os médicos também criticavam os prédios dos internatos por causa da ocupação excessiva, das deficiências na insolação e ventilação, a inadequada divisão e disposição dos cômodos, a falta de instalações sanitárias e o uso de iluminação inadequada. A respeito desse último ponto, o Dr. José Bonifácio Caldeira de Andrada Jr. apresentou os tipos de iluminação mais utilizados nos colégios e destes os mais adequados para o uso nos internatos:

As iluminações com o azeite ou a gás são as mais usadas em nossos colégios, e são exatamente as menos convenientes; a última sobretudo. A iluminação a gás, tão preciosa para

³⁷ É elucidativo, entre outras, a descrição do castigo de privação da liberdade: “Há em certos colégios quartos denominados cafuas, os quais são o mais pernicioso meio de castigo para a mocidade: porque situados quase sempre na parte inferior dos edifícios, sem janelas ou aberturas por onde penetre o ar, e quase sempre muito úmidos, são estes quartos imundos, onde são encarcerados os inocentes jovens, e para maior cúmulo de desesperação, às vezes por dias e privados de alimentos! Compreendem todos facilmente quão perigosa é a reclusão nesses lugares por muito tempo”. SILVA, Fructuoso Pinto da. *Higiene dos colégios*. Bahia. Typographia de F. Felix, 1869, p. 20.

³⁸ Ideia encontrada no pensamento pedagógico de John Locke. Para ele uma disciplina servil formava características servis, fazendo com que a criança obedecesse apenas por medo do castigo. Assim, não existia a interiorização das boas qualidades e a criança agia com desfaçatez. LOCKE, John. *Pensamientos sobre la educación* [1693]. Madrid: Akal, 1986.

³⁹ ANDRADA, *Esboço de uma higiene...*, p. 16.

⁴⁰ COLLET, Agnello Geraque. *Higiene escolar*. Bahia: Typographia de H. Olavo da França Guerra, 1883.

as ruas e praças públicas, pode, quando empregada no interior de habitações muito frequentadas, como o são geralmente os internatos, produzir consequências funestas pelo exorbitante consumo de oxigênio, a que dá lugar pelo muito ácido carbônico que então se forma, e pelo desprendimento de muitas outras substâncias tóxicas, como o óxido de carbono, o ácido sulfúrico, etc., que tem às vezes lugar e em maior escala, que pelos outros sistemas. O azeite tem quase as mesmas vantagens, porém menos pronunciadas; os inconvenientes que resultariam da sua combustão incompleta, e o cheiro nauseabundo que costuma desprender, fazem com que seu emprego deva também ser rejeitado: não lhe são muito superiores as velas de sebo. As velas, em cuja composição entra o ácido stearico, a cetina ou a cera, são as que mais convém para o nosso caso; com efeito, a sua combustão sendo mais completa que a do azeite, dá lugar à formação de uma menor quantidade de vapores e de óleo emireumatico, e as alterações que ela produz no ar ambiente são incomparavelmente menos sensíveis do que as produzidas pela combustão do gás de iluminação.⁴¹

Deficiências na alimentação servida nos internatos foi outro ponto destacado no discurso médico-higiênico. Diferentemente do que costumavam anunciar⁴² os diretores-proprietários dos colégios-internatos da Corte, o Dr. João da Matta Machado afirmava que nos colégios do Rio de Janeiro a alimentação era invariável e insuficiente, e os alimentos eram tão mal preparados que os meninos não sentiam prazer nas horas da refeição. Neste aspecto, dizia ele: “Comem é verdade com voracidade, mas quantas vezes até com repugnância? É um fato vulgarmente conhecido a má digestibilidade das iguarias mal preparadas e que por isso são ingeridas com desgosto”⁴³.

O vestuário dos pensionistas também passou pelo crivo dos médicos. Segundo eles, era “defeituosa” a maneira de trajar dos meninos e meninas, e isto resultava da utilização de vestimentas da “moda” em descompasso com o clima do Brasil e com as prescrições higiênicas. Para esses médicos a moda ou os “caprichos loucos da França” não deveriam ter lugar nos colégios, a exemplo das roupas apertadas e do uso do espartilho ou coletes pelas meninas antes de alcançarem a puberdade. De igual modo, J. I. Roquette, no seu *Código de bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*, no capítulo dedicado à *Eugenia*, aconselhava as mulheres a não cederem aos caprichos da moda. Aconselhava o autor que as

⁴¹ ANDRADA, *Esboço de uma higiene...*, p. 18.

⁴² A exemplo do anúncio do Colégio Franco-Brasileiro: “[...] uma alimentação substancial, variada e abundante, concorrerá ainda para a saúde e bem-estar das meninas”. LAEMMERT, Eduardo Von. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Capital da Província do Rio de Janeiro inclusive alguns municípios da província e a cidade de Santos para o ano de 1874*. 31º ano. Rio de Janeiro: Typographia E. & H. Laemmert, 1874, p. 598.

⁴³ MACHADO, *Da educação física...*, p. 43.

mulheres não deveriam ser escravas da inconstância da moda. Recomendava, sobretudo, que as mulheres tomassem cuidado com o uso dos coletes devido aos graves inconvenientes causados à saúde.

[...] Mal sabes, minha filha, quantas e quão perigosas moléstias resultam do excessivo aperto dos coletes, para os quais já não bastam as barbas de baleia, e é mister empregar folhas de aço! Não atribuas a outra causa os vergões vermelhos que vês no rosto de muitas damas, os narizes avermelhados, as dores de estômago, e outras moléstias internas que sofrem sem se queixarem e de que muitas vezes são vítimas. O desejo de ter uma cintura delicada tem se tornado em uma mania para certas senhoras, que amam mais parecer bem do que ter saúde. [...] Porém o que mais me admira é que haja mães de família que não só o consintam, mas que o ordenem a suas filhas [...].⁴⁴

Todavia, em contrariedade às recomendações médico-higiênicas, lojas de vestimentas na Corte⁴⁵ e nas províncias⁴⁶ anunciavam um completo sortimento de roupas finas recebidas diretamente das principais e mais acreditadas fábricas de Paris e Londres. De igual modo, lojas e fábricas de coletes anunciavam ao público feminino variados modelos com todas as informações sobre o seu uso, tamanhos, ajustes e as qualidades ou utilidades das peças. Nos *reclames* do Almanak Laemmert aparecia com destaque o famoso “Colete Pompadour da Madame Perret Collard”⁴⁷.

O Dr. José Bonifácio de Andrada Júnior, além de criticar o uso dos coletes femininos, igualmente apontava como efeito pernicioso para a saúde das moças o costume de trazer descobertos e expostos ao “capricho das intempéries” o colo, as espáduas, os braços e a parte superior do peito. Este costume podia resultar no desenvolvimento de tubérculos nos pulmões, pneumonias e as diferentes espécies de anginas. Para ele não era reprovável que a “donzela núbil”, para se apresentar bem na sociedade e, desde que compatível com a integridade de suas funções, apelasse aos recursos da arte. Neste sentido, o que condenava era

[...] uma menina de colégio, que bem poucas vezes conta de 13 a 14 anos, vá destruir, de encontro uma parede de aço, por exemplo, o engraçado das formas que apenas se

⁴⁴ ROQUETTE, J. I. *Código de bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. Paris: V^a J. P. Aillaud, Guillard e C., Livreiros de suas majestades o Imperador do Brasil e El-Rei de Portugal, 1875, p. 292.

⁴⁵ *REVISTA de Notabilidades Profissionais Comerciais e Industriais da Corte do Rio De Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Universal de E. & H. Laemmert, 1874, p. 83.

⁴⁶ Estabelecimentos comerciais na Província de Sergipe também costumavam anunciar as “novidades de Paris”: “A Loja de Variedades de José Joaquim Telles de Menezes acaba de receber diretamente de Paris um grande sortimento de objetos de gosto constantes dos seguintes artigos [...]. Para senhoras: Chapéus, espartilhos, jaconas, tecidos, enfeites [...]”. “Novidades de Paris”. *Jornal do Aracaju*, 18 jan. 1873, p. 04.

⁴⁷ CARDOSO, José Antonio dos Santos. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro inclusive a cidade de Santos, da Província de S. Paulo para o ano de 1877*. 31^o ano. Rio de Janeiro: Typographia E. & H. Laemmert, 1877, p. 948.

*caracterizaram, é ao que não podemos subscrever calando-nos. E a este sistema de educar abatendo, de aperfeiçoar esmagando, que devemos encontrar em nossas reuniões em tão grande número de moças românticas, verdadeiras vítimas de uma coquetterie antecipada, e que mais tarde terão talvez de pagar ao organismo ofendido um tributo ainda mais penoso.*⁴⁸

Segundo o parecer do Dr. Joaquim José de Oliveira Mafra, os aspectos da defeituosa higiene dos colégios, em parte, eram resultantes da influência nociva dos pais, ao exigirem para os filhos um tratamento, muitas vezes, em desacordo com as prescrições médico-higiênicas, dificultando o amadurecimento dos meninos e meninas de colégios.

*Querem que se dê a seus filhos uma alimentação superabundante, esquisita, bem adubada, que agrade ao paladar: querem que se lhes ofereçam leitões fofos e macios, onde sejam bem agasalhados; que não se obriguem seus filhos a passeios longos, porque a fadiga, o sol, a chuva a que porventura se exponham lhes fazem mal; que não se exercitem na ginástica; porque podem machucar-se ou mesmo ferir-se; querem enfim que se lhes poupe algumas dores e lágrimas, não reparando que, procedendo assim, lhes preparam para o futuro males por sem dúvida imensamente mais deploráveis!*⁴⁹

O citado médico advertia também que muitas das corrupções morais que existiam nos internatos resultavam dos exemplos nocivos do mundo exterior. Os pais, ao exigirem as saídas frequentes dos seus filhos do internato, facilitavam o contato destes com entretenimentos perigosos, conversas indiscretas, leitura de romances e outras obras quejandas, prejudicando a moral do estabelecimento. Nos seus escritos sobre a educação da mulher, Sanches de Frias trata desse assunto, ressaltando o perigo das interrupções frequentes provocadas na rotina dos internatos pelos costumes da família:

*Um casamento, uma reunião dançante, um dia de anos, um jantar, uma visita, um passeio no mar, uma noite de teatro, um bilhete, um recado, uma queixasinha, uma tafularia, um capricho – são as causas de novas saídas, de interrupções diárias ou mensais, de novas pieguices, de novas faltas de respeito e de prejuízos incalculáveis.*⁵⁰

⁴⁸ Grifo nosso. ANDRADA, *Esboço de uma higiene...*, p. 19.

⁴⁹ MAFRA, Joaquim José de Oliveira. *Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos: regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Empreza Typographica Dous de Dezembro – De Paula Brito, 1855, p. 5.

⁵⁰ FRIAS, David Correa Sanches de. *A mulher, sua infância, educação e influência na sociedade*. Artigos publicados em outubro de 1879 no jornal A Província do Pará. Pará: Tavares Cardoso & C.

Adentrando o século XX, pelo menos nas suas primeiras décadas, o internato continuou sendo alvo de críticas negativas advindas do campo médico. Permaneciam os discursos que apontavam o internato como espaço anti-higiênico, onde não se respeitavam as indisposições e desenvolvimentos individuais, a alimentação era imprestável, além de propiciar a proliferação de doenças. Em 1910, o médico Raul Mendes de Castilho Brandão defendia essas ideias e afirmava também ser o internato um modelo “irracional e inquisitorial”, e que se os pais conhecessem ou tivessem frequentado um internato, em nenhuma hipótese colocaria seus filhos nesse tipo de estabelecimento. Para ele, os bons costumes adquiridos na educação doméstica perdiam-se na corrupção moral do internato. Dizia o Dr. Castilho Brandão:

Disse acima; que considerava os internatos, como meios de corrupção, vou prová-lo, nos colégios existe gente de toda sorte, adúlteros, incestuosos, cretinos, homossexuais, naturais, enfim, de toda qualidade de moralidade: tarados para todos os vícios. Pois bem, por mais moralizado que seja a criança, tende, forçosamente a se corromper, é o caso que me referi acima da herança ser subjugada pelos costumes. Pode uma criança não possuir nenhuma tara degenerativa e sair de um meio destes um verdadeiro cretino.⁵¹

De fato, foi uma característica do discurso médico-higiênico a propaganda, com roupagem científica⁵², de que a vida nos internatos exacerbava ou proliferava as práticas da masturbação e do homossexualismo entre os colegiais. Para os facultativos, todos esses defeitos higiênicos a que estavam submetidos os internatos traziam como consequência o depauperamento da saúde dos infelizes meninos sacrificados, pelo desleixo do governo e pela ignorância dos pais aos desonestos interesses econômicos dos diretores de internatos. Assim, somente a utilização das medidas médico-higiênicas possibilitaria o funcionamento de um colégio-internato que garantisse uma educação intelectual, moral e física adequada. Esses cuidados eram divididos em prescrições sobre a organização do internato e cuidados específicos com a higiene dos pensionistas, as quais podem ser divididas em cuidados e asseio do corpo, higiene da alimentação e higiene intelectual, física e moral.



Livraria Universal, 1880, p. 62.

⁵¹ BRANDÃO, Raul Mendes de Castilho. *Breves considerações sobre a educação sexual*. Bahia: Imprensa Nova, 1910, p. 07.

⁵² FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RESUMO

Em teses doutorais, produzidas e publicadas no século XIX e início do século XX nas Faculdades de Medicina Brasileiras (Rio de Janeiro e Bahia), médicos interessados na temática da higiene dos colégios acreditavam que a intervenção de seus conhecimentos seria capaz de ordenar higienicamente o espaço dos internatos. O diagnóstico médico, praticamente dominante, cominava aos internatos a degradação física, moral e intelectual de gerações inteiras de estudantes submetidos ao internato. Por isso, procuraram intervir na organização do espaço e de determinadas práticas desses estabelecimentos, influenciando as famílias, diretores e professores dos colégios da necessidade de atentarem para a importância de diversas medidas higiênicas, visando à promoção do desenvolvimento físico, moral e intelectual dos pensionistas de colégio.

Palavras Chave: Medicina; Higiene; Internatos.

ABSTRACT

In Doctorate dissertations produced and published over the 19th Century and the beginning of 20th Century in Brazilian Medical Colleges at Rio de Janeiro and Bahia, physicians who were interested in the issue about hygiene in schools, believed that their knowledge would be able to organize the space into the boarding schools concerning hygiene. The medical diagnostic, practically dominant, used to coexist with the boarding school students who lived there. Thus, they decided to interfere in the space organization and some specific practices in those places, influencing families, schools' principals and teachers concerning the necessity of paying close attention to the various hygienic measures aimed at promoting the physical, moral and intellectual development of the boarding school students.

Keywords: Medicine; Hygiene; Boarding Schools.

Artigo recebido em 11 mar. 2014.

Aprovado em 12 nov. 2014.